

Meditação quaresmal sobre a Ucrânia: “*Consolai, consolai a minha Ucrânia*”.



Rússia, tão longe e tão perto.

Faus, a Putin:

**«Não substituas o sacramento do irmão,
pelo sacramento das bombas».**

■ **-Qualquer ser humano, seja de que país for, tem uma grande capacidade, tanto para o péssimo como para o ótimo. Há nele uma solidariedade interna para o pior e para o melhor.**

■ **-Irmão Putin, que pretendo dirigir-me a ti, a fim de que não manches a memória desses teus irmãos, para que não substituas o sacramento do irmão pelo sacramento das bombas.**

“Consolai, consolai a minha Ucrânia”, diz o Senhor; falai ao coração de Kiev e dize-lhe: todo o poder humano é puro barro. Um dia, porém, há de revelar-se a glória do Senhor e vê-la-ão todos os homens (Is 40).

Ai do culpado pela morte de uma única criança bombardeada! Mais lhe valera que lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho, e o lançassem ao mar...(Lc 17).

PROTESTEMOS CONTRA A GUERRA: mas não pelas repercussões económicas que as sanções impostas à Rússia possam ter sobre nós (como já aconteceu em 2014), mas sim pela dor causada por tantas mortes, tantos feridos e refugiados, por solidariedade com a tragédia de tantas mulheres viúvas e de tantos

filhos órfãos: “como o pastor que carrega ao colo os cordeiros e faz repousar as ovelhas com crias” (Isaías 40).

Qualquer ser humano, seja de que país for, tem uma **grande capacidade, tanto para o péssimo como para o ótimo**. Há nele uma solidariedade interna para o pior e para o melhor. Entre os povos vizinhos, vemos os polacos acorrerem, espontaneamente, à fronteira com a Ucrânia, carregados com alimentos, roupa e o que quer que julguem ser útil. Ao mesmo tempo vemos ucranianos a subirem, ilegalmente, os preços do aluguer das habitações aos seus vizinhos, aproveitando-se das pessoas que perderam as suas casas e que necessitam de pernoitar junto à fronteira, para poderem sair no dia seguinte. Vimos, também, em 1998, aquando do cinquentenário da ONU, muitos humanos impedirem a aprovação da proposta de tantos outros humanos que, como

o meu vizinho Vicenç Fisas, reclamavam a supressão do direito de veto e a possibilidade de dotar a ONU de verdadeira autoridade, a fim de não sermos uma “aldeia global” no aspeto económico, e uma selva na convivência. É daquelas poeiras que resultam os atuais lodos.



Francisco e Vladimir Putin

Ora, humano é também, antes mesmo de ser russo, Vladimir Putin. Há dias, vi-me na necessidade de explicar, e não apenas a uma ou duas pessoas, que também Dostoievski era russo, e que russos eram, igualmente, Tolstoi, Tchaikovsky, Rachmaninov (com as suas magníficas *Vésperas*), e santa Maria Skobtsova que tantos russos salvou do nazismo, e cujo livro mais conhecido se intitula, precisamente: *O sacramento do irmão*.

É por isso, irmão Putin, que pretendo dirigir-me a ti, a fim de que não manches a memória desses teus irmãos, para que **não substituas o sacramento do irmão pelo sacramento das bombas.** Desejo pedir-te perdão por todas as injustiças cometidas, contra o teu

país, por este nosso Ocidente que se atribui, por vezes, uma missão imperialista, visto considerar-se o único civilizado. Pedir-te perdão pelo imperialismo da que outrora chamei Organização Traidora do Atlântico Norte, que não dando cumprimento ao que prometera, se expandiu para Leste. Reconheço que o teu país tem o mesmo direito do que qualquer outro, a uma segurança estável...

Porém, **nada disto justifica a barbaridade da tua resposta.** Com ela perdes quase toda a razão que pudesses ter. E se algum dia desejaste passar à história como um desses grandes nomes acima citados, neste momento auguro que poderás vir a ser considerado um novo Hitler. O problema não reside na possibilidade de teres um temperamento mais forte, como alguns dizem, mas sim no facto de ou colcares esse temperamento ao serviço do teu ego, ou ao serviço da comunhão entre todos os seres humanos.



Evoquei acima as palavras de Jesus de Nazaré contra quem maltratar as crianças. Mas Jesus acrescenta a

seguir que, apesar de tudo, também para esses verdugos existe a possibilidade de perdão. Pode parecer-te utópico e estúpido o que vou dizer-te em seguida. É, efetivamente, muito difícil, embora te vá fazer sentir muito melhor e em verdadeira paz contigo próprio. Um dia virá em que os olhos se te abrirão (talvez na forma dum pesadelo durante o sono), e hão-de torturar-te as imagens de tantas crianças sacrificadas e de tanta dor causada a pessoas cujo único pecado consistiu em viverem onde viviam. Não tentes desculpar-te, então, com a história de que se trata de “danos colaterais”, porque, agindo desse modo, está a colocar-te ao nível do que de pior se fez no Ocidente. **Aproveita estas tentati-**

vas de conversações (receio bem que hipócritas, até agora), para propor algo parecido com isto: aceitas retirar-te da Ucrânia e contribuir para a sua reconstrução, com esta dupla condição: que a NATO se retire de todos os países de Leste, e que se crie uma espécie de comité permanente, entre ti e os Estados Unidos, para tratar do real desaparecimento das armas nucleares em todo o mundo.

Atrevo-me a garantir-te que bastava isto para te sentires muito melhor. E aqueles que nos sucederem hão-de bendizer-te e louvar a Deus que nos ensinou a até dos males retirar bens.

JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS. Teólogo.

https://www.religiondigital.org/miradas_cristianas/Meditacion-cuaresmal-Ucrania_7_2428327159.html (01.03.2022)





Von der Leyen e os ladrões

Este não é um artigo sobre a situação na Ucrânia, nem sobre as sanções da UE à Rússia. É um artigo sobre algo que foi dito na apresentação dessas sanções, e que tem uma importância que as transcende, e que ajuda a perceber o mundo em que vivemos.

Na Conferência de Imprensa onde apresentou as «*Sanções em cinco frentes*», a Presidente da CE, URSULA VON DER LEYEN, afirmou que as sanções abrangeriam igualmente **«a elite russa, restringindo os depósitos para que não possam continuar a esconder o seu dinheiro em portos seguros na Europa»**.

Esta frase significa desde logo que a UE sabe que as elites russas roubavam o povo russo e que escondem o produto desse roubo nos países ocidentais. Sabe e era cúmplice desse processo, pois se agora o proíbe é porque sempre o pode proibir, mas nunca tal lhe interessou. Esta ideia deve ser complementada com uma recordação: a de que a (re) instalação dessas elites no poder foi algo pelo qual «o ocidente» lutou durante dezenas de anos.

Mas a declaração significa mais. Significa que as elites de outros países podem continuar a esconder na UE o dinheiro que roubam aos seus povos. Esta continuará a ser um «porto seguro» para esse dinheiro roubado, escondendo-o dos respetivos povos, e caso esses povos decidam libertar-se dessas elites, a UE impedirá esses povos de recuperar o dinheiro que lhes foi roubado guardando-o para os seus ilegítimos donos, as tais elites.

E o único «mas», a única condição que essas elites têm que cumprir, é não

desobedecer ao «Ocidente». É submeterem-se à sua vontade imperial. Se o fizerem podem encher estádios de futebol ou sedes de sindicatos com opositores e matá-los, que o seu dinheiro continuará «em porto seguro». Se o fizerem, podem bombardear o Iémen, decapitar opositores, manter as mulheres numa escravidão feudal, que o seu dinheiro continuará «em porto seguro». Se o fizerem, podem ocupar um país vizinho e obrigar o seu povo a 50 anos de exílio no deserto e ter as cadeias cheias de presos políticos, que o seu dinheiro continuará «em porto seguro».

Se não obedecerem, então «o Ocidente» roubar-lhes-á o dinheiro que eles roubaram aos povos, e como «ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão» continuará a ostentar aquela máscara de superioridade moral que esconde a mais nauseabunda hipocrisia e uma postura puramente colonialista.

Uma última reflexão. Para nos libertarmos de todas as visões coloniais. É que «as elites» da UE também vivem de roubar os povos (da UE e do resto do mundo), também aqui legalizam o muito que roubam. Por isso acham normal serem «o porto seguro» para guardar o dinheiro roubado em todo o mundo, e cobrar o dízimo por esse serviço.

MANUEL GOUVEIA

<https://www.abrilabril.pt/von-der-leyen-e-os-ladros>
(27.02.2022)

O sétimo mandamento contra os ladrões

1 - Há um mandamento da lei de Deus (quem é que ainda se lembra que os mandamentos são dez?) – o sétimo - que diz: "Não roubarás."

Antes de mais, é preciso esclarecer que os mandamentos da lei de Deus – o Decálogo – são dados em nome do Deus libertador do povo escravizado no Egito. Todo o Antigo Testamento tem como eixo essa experiência essencial da libertação da escravidão. Assim, por paradoxal que pareça, os mandamentos, em última análise, resumem-se nesta ordem: sois livres, não escravizeis ninguém, não vos deixeis escravizar por nada nem por ninguém, não sejais escravos de vós próprios.

Por isso, ao contrário do que se julga, este sétimo mandamento não está imediatamente referido à propriedade e ao roubo da propriedade, mas ao roubo do Homem, isto é, ao roubo daquilo que faz do Homem ser humano: a liberdade. Mas, por outro lado, também se percebe que este mandamento - não roubarás -, embora se não refira directamente à propriedade, inclui a propriedade, pois, como disse o teólogo Heinz Zahrnt, há um vínculo estreito entre propriedade e liberdade: "A propriedade garante a liberdade e torna autoconsciente." Em certa medida, o que o Homem "é" também depende do que ele "tem". Isso é dito até na palavra "posses" (teres), do latim "*posse*" (poder): ela refere o que o Homem

possui e também o que ele pode ou não: comer, vestir-se, dar a si mesmo ou a alguém uma alegria, construir uma casa, ter acesso à cultura, ajudar um necessitado ou um amigo. Por outro lado, não é só o ter, não é a quantidade do que se possui que determina por si só o grau de liberdade. A propriedade proporciona liberdade, mas também pode levar à não liberdade, pois pode conduzir à loucura de confundir a existência com a posse de bens e à escravização de outros seres humanos.

Assim, este mandamento "determina a relação entre propriedade e liberdade num duplo sentido: previne contra o perigo de perder a liberdade própria", na medida em que alguém se deixa escravizar pelo ter; previne contra o perigo do roubo da liberdade dos outros, "na medida em que, apropriando-nos da sua propriedade, nos apropriamos também da sua liberdade". Ora, "quem se apropria de homens torna-os mercadoria" e dispõe deles como meio. Cá está o crime da exploração do trabalho infantil, tomada de reféns, recrutamento forçado de trabalhadores, comércio de carne branca para a prostituição, salários injustos... "Que pode haver verdadeira liberdade sem propriedade cada um pode dizê-lo a si próprio, mas não pode exigí-lo aos outros."

O roubo começa e está presente das maneiras mais diversas, até na vida

quotidiana: viajar nos transportes públicos sem bilhete, não chegar a horas ao trabalho, evasões fiscais, estragar a natureza, construções sem garantia, declarações falsas de doença, fogo posto, má condução nas estradas, incompetência no desempenho das diferentes tarefas e funções, tráfico de drogas, branqueamento de capitais, danificar a propriedade pública e privada, irresponsabilidade no uso e aplicação dos dinheiros públicos, corrupção ativa e passiva, falsificações alimentares, tirar aos outros o seu tempo precioso...

Depois, há os grandes e os pequenos roubos, com uma diferença, a que já Martinho Lutero se referia há quinhentos anos, com estas palavras (tradução um pouco livre): "Quando olhamos para o mundo hoje através de todas as camadas sociais, constatamos que não passa de um grande, enorme, covil cheio de grandes ladrões... Aqui, seria necessário calar quanto aos pequenos ladrões particulares, para atacar os grandes e violentos, que diariamente roubam não uma ou duas cidades, mas a Alemanha inteira... Assim vai o mundo: quem pode roubar pública e notoriamente vai em paz e livre e recebe aplausos. Em contraposição, os pequenos ladrões, se são apanhados, têm de carregar com a culpa, o castigo e a vergonha. Os grandes ladrões públicos devem, porém, saber que perante Deus são isso mesmo: os grandes ladrões."

O que Lutero disse há quinhentos anos referindo-se à Alemanha continua válido hoje, talvez mais do que nunca, em Portugal. E então entende-se: assim, por mais milhões, mi-

lhões, milhares de milhões de apoios da Europa, continuamos na cauda...

2 - A globalização arrasta consigo inevitavelmente questões gigantescas e desperta paixões que nem sempre permitem um debate sereno e racional.

O teólogo Hans Küng procurou contribuir também para este debate, que assenta, segundo ele, em quatro teses: a globalização é: "1. inevitável, 2. ambivalente (com ganhadores e perdedores), 3. não calculável (pode levar ao milagre económico para todos ou ao descalabro), 4. mas também - e isto é o mais importante - é dirigível." Isto significa que precisamente a globalização económica exige uma globalização no domínio ético. Impõe-se um consenso ético mínimo quanto a valores, atitudes e critérios, um *ethos* mundial para uma sociedade e uma economia mundiais. É o próprio mercado global que exige um *ethos* global.

É claro que, se quiser ter futuro, a Humanidade se tem de tornar sujeito comum da responsabilidade pela vida. Ou a Humanidade como todo se torna sujeito do seu futuro e da responsabilidade pela vida em geral ou pura e simplesmente não haverá futuro para ninguém. Em termos simples e cínicos, se se quiser: se não quisermos ser solidários por razões de ética e humanidade, sejamo-lo ao menos por razões de egoísmo esclarecido.

24 Julho 2021

ANSELMO BORGES

Padre e professor de Filosofia. Escreve de acordo com a antiga ortografia

Há cem anos nasceu, em Bolonha, PIER PAOLO PASOLINI, poeta, escritor, cineasta e dramaturgo italiano, um dos mais importantes vultos culturais do século XX, assassinado em Roma aos 53 anos, pouco após ter concluído um filme devastador sobre o exercício desenfreado do poder numa sociedade autoritária. 5 de Março de 2022.

Créditos/ EPA/ANSA FILES

